

A INTRANSPONIBILIDADE DA VERDADE E A NECESSIDADE DA MENTIRA EM UMA PERSPECTIVA NIETZSCHEANA

Roberto Barros¹

RESUMO: Em consonância com o ambiente filosófico e científico de seu tempo, Friedrich Nietzsche se afasta das considerações tradicionais acerca das noções verdade e mentira, para então reconsiderá-las em uma nova perspectiva que associa pressupostos científicos, mas também considerações críticas a respeito desses saberes. A argumentação aqui desenvolvida busca evidenciar aspectos estruturantes desta perspectiva, para então apontar os seus traços propositivos.

PALAVRAS – CHAVE: verdade; mentira; perspectividade; complexidade.

ABSTRACT: In tune with the philosophical and scientific environment of his time, Friedrich Nietzsche moves away from traditional considerations about the notions of truth and lie, to reconsider them in a new perspective that associates scientific assumptions, but also critical considerations about this knowledge. The argument developed here seeks to highlight structuring aspects of this perspective, in order to show its propositional features.

KEYWORDS: truth; lie; perspective; complexity.

¹ Roberto de Almeida Pereira de Barros é Doutor em Filosofia pela em filosofia pela Technische Universität Berlin, com pós-doutorado Universidade de Hildesheim, e Professor Adjunto da Faculdade de Filosofia e do PPGFIL da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Parece útil iniciar a abordagem do tema aqui proposto com uma delimitação teórica mínima dos conceitos centrais que serão mobilizados a seguir. Nesta argumentação e em consonância com a filosofia de Nietzsche, os termos verdade e mentira não são tomados em sentido ontológico, ou seja, eles são mencionados como noções metafisicamente deflacionadas e, como se verá a seguir, como noções cujas significações necessitam ser interpretadas e contextualizadas a partir de pressupostos específicos. Partindo destes aspectos e para além das questões epistemológicas e relativas a critérios científicos de confirmação experimental, eu gostaria de argumentar no sentido de que é possível, segundo perspectiva defendida por Nietzsche, considerá-las primeiramente como padrões mentais intransponíveis às formas humanas de consideração e que a percepção desta característica pode consistir no ponto de partida que torna possível superar as ilações lógicas intuitivas a respeito delas – aspecto que eu compreendo como uma das grandes contribuições de Nietzsche para a filosofia – e com isso conceber critérios para que parâmetros como verdade - falsidade possam ser mobilizados sem pressuposições metafísicas².

Por conseguinte, um segundo ponto não menos importante aqui pressuposto é o de que na filosofia de Nietzsche a crítica da tentativa de conferir conteúdo ontológico para aquilo que ele compreende como categorias mentais e linguísticas não resulta em um relativismo perspectivístico, mas, antes, em uma compreensão do caráter incontornável da perspectividade e na indicação de que é necessário considerá-la em todas as conjecturas humanas³. Por fim, como terceiro e último ponto, que estes traços constituem pressupostos de sustentação dos experimentos especulativos que buscam ultrapassar as convenções intuitivas mais elementares com respeito à efetividade, que Nietzsche empreende em sua filosofia.

Isso pressuposto, é então primordial ressaltar que tais posicionamentos não resultam na filosofia de Nietzsche em uma negação de possibilidade do conhecimento, mas, antes, na constatação de que conhecimento é, em última análise, uma construção humana sempre delimitada por critérios de validação relativos a estabilidades cognitivas sem conteúdo efetivo pleno. Dito de outro modo, na filosofia de Nietzsche podemos encontrar uma sofisticada reflexão acerca de nossas

² Clark, Maudemarie. *Nietzsche Truth and Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 1990, p. 31.

³ Dellinger, Jakob. *Nietzsche als Kritiker und Denker der Transformation*. Em Heit/Thorgeisdorttir (Org.). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2016, p. 50.

formas de construção de representações de mundo, dos pressupostos das conjecturas⁴ com respeito a estas e acerca das possibilidades de validação daquilo que é construído por meio de ambas⁵.

Indicados estes pontos, a argumentação a seguir se organiza em três momentos. (1) Primeiramente, em uma consideração acerca da assimilação de pressupostos naturalistas por Nietzsche⁶, indicando com isso a sua grande sintonia com a crítica desta tendência já efetuada pela filosofia alemã que o antecedeu⁷. Em seguida (2), tratarei da reverberação em sua filosofia da crítica da dicotomia mente-corpo presente na filosofia de Schopenhauer, buscando mostrar a centralidade desta para a deflação ontológica das noções verdade-mentira (exatidão - erro). Como último ponto (3), eu gostaria de indicar como a interpretação estrutural da perspectividade humana em Nietzsche o direciona a um experimento de pensamento fortemente influenciado pela liberdade formal que ele interpreta como potencial na arte, mas que também implica a indicação da necessidade de ultrapassamento das limitações perspectivísticas mais simplificadoras ou reducionistas, aspecto que o coloca em grande sintonia com determinados direcionamentos do debate epistemológico contemporâneo.

1. A recepção do naturalismo em Nietzsche.

Parte-se aqui do pressuposto de que Nietzsche aceita o posicionamento histórico da ciência moderna, que implica um embate crítico desta com a metafísica e com o idealismo, mas ressaltando que o autor leva a cabo uma consideração crítica da própria ciência⁸, mobilizando para isso posicionamentos provenientes dela mesma e tendo em vista a formulação de um novo tipo de investigação filosófica. É neste sentido que se pretende aqui corroborar o ponto de vista segundo o qual a compreensão da recepção do naturalismo por Nietzsche se revela como central para a compreensão da sua reflexão sobre a ciência, decisivamente no que se refere à intransponibilidade do seu procedimento metodológico. Neste sentido, autores e fontes que exerceram influências diretas sobre Nietzsche com respeito às ciências são muitas, mas nomes como Arthur

⁴ As referências à obra de Nietzsche serão feitas a partir da *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA) in 15 Bände. G. Colli e M. Montinari (Org). Munchen, de Gruyter/DTV, 1980. Referências a partir de edições em português serão indicadas. Esta referência: Nietzsche, F. *A gaia ciência* (FW/GC) § 374, KSA 3, p. 627.

⁵ Ou, como argumenta Doyle, "his intention to describe their condition of possibility". Cf. Doyle, Tsarina. *Nietzsche Epistemology and Methaphysics – The World in Wiew*. Edinburg: Edinburg University Press, 1009, p. 32.

⁶ Kaulbach, Friedrich. *Philosophie des Perspektivismus*. Tübingen: J.C.B Mohr, 1990, p. 304.

⁷ Nietzsche, F. FW/GC § 357, KSA 3, p. 598.

⁸ LEITER, Brian. "O naturalismo de Nietzsche reconsiderado". *Cadernos Nietzsche* 29, 2011, p. 86.

Schopenhauer, Friedrich Albert Lange e Rugero Joseph Boscovich não podem deixar de serem mencionados e a eles será necessário retornar mais à frente.

A reflexão de Nietzsche tendo em vista uma certa adesão ao naturalismo científico é confirmada em várias passagens de sua correspondência, nos fragmentos póstumos e nas obras publicadas⁹. Essa adesão é evidenciada no aforismo inicial de *Humano, demasiadamente humano*, significativamente intitulado: “Química dos conceitos e sensações” (*Empfindungen*), e indica uma temática central dos textos da primeira metade da década de 80: a da relação entre formas de percepção e as construções conceituais humanas. Fazendo inicialmente uma crítica à milenar fixidez por ele interpretada nos problemas filosóficos e nas soluções especulativas formuladas para eles pela filosofia, Nietzsche indica a assimilação de pressupostos e resultados científicos no seu filosofar, indicado então como histórico e indissociável da ciência natural e que ele então anuncia como “o mais novo (*allerjüngste*) de todos os métodos filosóficos”¹⁰. Trata-se, portanto, de um posicionamento novo – mesmo que se compreenda em seu delineamento inicial traços não inauditos na filosofia alemã que o antecedeu. Este novo direcionamento pode ser melhor compreendido a partir da indicação do afastamento do filósofo da filosofia metafísica e dos “excessos habituais das concepções populares ou metafísicas”; ou ainda, do “erro da razão” (*Irrthum der Vernunft*) de suas formulações. A linha argumentativa desta nova perspectiva se diferencia das anteriormente formuladas pela tradição filosófica porque indica tanto a falibilidade da razão, quanto a atuação de afetos e impulsos sobre ela, tais como o egoísmo e o interesse, passíveis de compreensão devido à “ascensão (*Höhe*) atual das ciências particulares”. São elas que permitem que se fale de uma “química de representações (*Vorstellungen*) e sensações morais, religiosas, estéticas”, capaz de evidenciar que as “mais soberbas cores” possam ter advindo de “substâncias (*Stoffen*) desprezadas”, aspectos, que para serem assimilados, demandariam quase desumanização (*Entmensch*)¹¹, dado o seu grau de assimilação. Dos argumentos contidos neste aforismo, podem ser indicados em alguns aspectos centrais que devem ser considerados para que se compreenda a nova relação de Nietzsche com a ciência: a) problematizações metafísicas são resultantes de nossas simplificações intuitivas¹², decorrentes de nossos processos cognitivos e cuja proveniência é orgânica; b) Esta percepção indica que nossas representações são resultantes de formas

⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo* (EH/EH), *Humano, demasiado humano* (MA I/HH I), KSA 6, § 3, p. 634.

¹⁰ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, KSA 2, § 1, p. 23.

¹¹ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, KSA 2, § 1, p. 24.

¹² NIETZSCHE, F. MA I/HH I, KSA 2, § 2, p. 25.

perspectivistas que constituem nossa forma de consideração¹³ e cuja proveniência não é racional; e por fim, c) que para ultrapassá-las, é necessário um experimentalismo interpretativo não norteado pelas concepções habituais, que deve resultar em um procedimento metodológico não intuitivo¹⁴.

Para se compreender o pano de fundo desses posicionamentos, é vantajoso considerar que na segunda metade do século XIX o horizonte da ciência ocidental passava por profundas mudanças, decisivamente no que se refere à perda de hegemonia do modelo mecanicista e do surgimento de ciências independentes de sua matriz interpretativa, como foi o caso da biologia e mesmo de setores da física como a termodinâmica. Essa mudança foi acompanhada com atento interesse por Nietzsche, decisivamente a partir do contato com a física matemática do croata Rugero Joseph Boscovich, por meio de quem Nietzsche obteve, no início da década de 70¹⁵, contato com formulações relativas a uma consideração da matéria afastada da noção de átomo pleno (*Erfüllte Atome*), que pressupunha uma interpretação cinética dos átomos e da constituição do mundo, e que implicava uma física não mais dependente de adequação a padrões sensórios¹⁶. Um padrão semelhante pode ser encontrado no naturalismo biológico de Nietzsche, que em uma concepção não mecânica da vida, busca refutar noções intuitivas relativas a esta, decisivamente no que toca ao impulso de conservação (*Erhaltungstriebe*). Estes pressupostos são centrais para que se entenda tanto o perspectivismo filosófico de matriz kantiana que Nietzsche formula¹⁷ – todavia naturalizado¹⁸ – e que busca problematizar os processos de transformação interpretativa pautados em conceitos e percepções, dos quais se originam as nossas representações de mundo¹⁹. Neste sentido, Nietzsche, em sintonia com o seu tempo, tende a naturalizar a atividade cognitiva humana, compreendendo-a como resultado de processos orgânicos que se manifestam determinadamente nos domínios cognitivo e psicológico. Esse aspecto já pode ser exemplarmente vislumbrado no ensaio não publicado: “Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral”, no qual linguagem e padrões mentais e linguísticos são considerados em uma perspectiva naturalista:

¹³ DELLINGER, Jakob. 2016, p. 52.

¹⁴ Como é o caso em Nietzsche da consideração genealógica.

¹⁵ O empréstimo junto a biblioteca da universidade da Basileia de obras de três autores, Boscovich, African Alexandrovich Spir e Johann Carl F. Zöllner em 28.03.1873, pode ser visto como um indicador bastante significativo dos desdobramentos subsequentes da filosofia de Nietzsche com respeito a sua consideração da ciência. Nestes três autores ele encontrou respectivamente, o conceito de força, a crítica neokantiana do tempo e uma epistemologia atomística, que sem dúvida estão presentes na filosofia nietzschiana. Cf. Whitlock, Greg, *Investigation in Time Atomism and eternal recurrence*. Pennsylvania: *Journal of Nietzsche Studies*. 20, 2000, p. 36.

¹⁶ BARROS, Roberto. 2018. “Perspectivismo e interpretação na filosofia nietzschiana”. *Cadernos Nietzsche*, 39, vol. 1, 2018, p. 70.

¹⁷ ANDERSON, 1999, p. 50.

¹⁸ STIEGLER, Barbara. *Nietzsche et la Biologie*. Paris: PUF, 2001, p. 22.

¹⁹ HELLER, Peter. *Von den ersten und letzten Dinge*. Berlin\New York: Walter de Gruyter, 1978, p. 5.

Tudo aquilo que sobreleva o homem ao animal depende dessa capacidade de volatilizar as metáforas intuitivas num esquema, de dissolver uma imagem num conceito, portanto; no âmbito daqueles esquemas, torna-se possível algo que nunca poderia ser alcançado sob a égide das primeiras impressões intuitivas: erigir uma ordenação piramidal segundo castas e gradações, criar um novo mundo de leis, privilégios, subordinações, delimitações, que agora faz frente ao outro mundo intuitivo das primeiras impressões como o mais consolidado universal conhecido, humano e, em virtude disso, como o mundo regulador e imperativo.²⁰

Para Nietzsche, essa interpretação parece ser sólida o suficiente para compreender os pressupostos a partir dos quais toda a tradição filosófica racionalista até a ciência²¹ se baseou. Todavia, não se trata – e esse aspecto da crítica é decisivo – de uma negação da existência de regularidades naturais²², mas da crítica do pressuposto segundo o qual a compreensão imediata dessas regularidades estaria limitada pelas estruturas intuitivas de cognição humana. A significativa presença desta problemática em suas considerações referentes ao conhecimento até em suas últimas anotações é um traço que confirma a intensidade de como Nietzsche esteve inserido e acompanhou o debate filosófico-científico do seu tempo, decisivamente no que tange à questão dos limites da demonstração experimental intuitiva. É bem verdade que essa problemática já se encontrava formulada na filosofia alemã desde Kant e que, de forma diferenciada, foi objeto de reflexão de filósofos alemães, pelos idealistas e até Schopenhauer. Deixando à parte as considerações de Nietzsche sobre a decisiva, mas ainda primária, crítica do aparato humano de conhecimento e da criação da estabilidade do ser efetuada por Parmênides²³ – que segundo ele viria a ser assimilada pelos grandes filósofos gregos posteriores – um primeiro contato com a questão do reducionismo interpretativo da intuição mais associado à ciência moderna se deu por meio da metafísica imanentista de Schopenhauer e da crítica desse aos limites (*Grenze*) da percepção da coisa em si indicados por Kant, que o autor de *O mundo como vontade e representação* buscou ultrapassar por meio precisamente da valorização da percepção intuitivo-corpórea²⁴. Posteriormente, norteador por interesses mais específicos, Nietzsche se afastou de Schopenhauer, a partir de seu contato com a obra de Friedrich Albert Lange, que o possibilitou analisar o problema em um enfoque ainda mais científico.

A importância desse contato pode ser claramente percebida em *Humano, demasiadamente humano*, exemplarmente na crítica das dicotomias metafísicas de “verdadeiro” e “falso”, “coisa em

²⁰ NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral* (WL/VM). Trad. Fernando de M. Barros. São Paulo: Hedra, 2007, p. 38.

²¹ NIETZSCHE, F. WL/VM, II, KSA 1, p. 46.

²² COX, Christoph. *Nietzsche, naturalism and interpretation*. California: California Press, 1999, p. 55.

²³ NIETZSCHE, F. *A filosofia na época trágica dos gregos* (PHG/FT), X, KSA 1, p. 843.

²⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung* (WWV/MVR) § 18, p. 152.

si” e “fenômeno”, tendo em pressuposição uma interpretação naturalista das formas humanas de representação. Contudo, alguns aspectos com respeito a este ponto específico precisam ser mais claramente indicados. 1. Primeiramente, a compreensão em Nietzsche de que o estabelecimento destas diferenciações pode ser fisiopsicologicamente interpretado, e de que por meio deste expediente seria possível esclarecer inteiramente (*Vollständig*) a proveniência da religião, da arte e da moral²⁵, uma via que, segundo ele, poderia também tornar clara a proveniência dos pressupostos metafísicos. 2. A partir disso, Nietzsche afirma que as noções de veracidade e falsidade não se baseiam em nenhum pressuposto efetivo, mas na necessidade orgânica espelhada em função psíquica evidenciável nos sonhos, nos quais “continua a exercita-se essa mais vetusta parte da humanidade, que é a base a partir da qual a alta racionalidade se desenvolveu e se desenvolve ainda em cada homem”²⁶. 3. Devido às ciências, as pressuposições metafísicas podem então ser compreendidas como “errôneas concepções fundantes” (*irrhümlichen Grundauffassungen*) e partes da “história da proveniência do pensar” (*Entstehungsgeschichte des Denkens*), e por isso sem nenhuma justificativa efetiva para suas pretensões de verdade²⁷.

Nietzsche, com efeito, refere-se, ainda no primeiro volume de *Humano, demasiadamente humano*, a “pequenas verdades não evidentes (*unscheinbaren*)”, “encontradas “com método rigoroso” e as diferencia dos erros, “oriundos de tempos e homens metafísicos e artísticos”²⁸. Para ele, o seu tempo metodologicamente se afastou de um mero conectar de formas e de símbolos e mesmo da ocupação séria com o simbólico, posicionamento antevisto por ele como “dístico de uma cultura inferior”, em um tempo que “bem diferentemente ajuíza sobre o que é eminentemente sensível (*sinnlich*)”²⁹. Neste novo momento, com os novos pressupostos que ele busca agregar à filosofia, é elaborada uma pretensão ampliada de justificação por referencialidade³⁰ – para além da forma tradicional ele já conhecia na filologia³¹, em sua pretensão de “simplesmente compreender o que o texto quer dizer e não farejar, pressupor, um duplo sentido”³². Ao problematizar a própria noção de interpretação, especulando com a hipótese de que o homem faz uso de uma estrutura

²⁵ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 10, KSA 2, p. 30.

²⁶ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 13, KSA 2, p. 33.

²⁷ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 16, KSA 2, p. 37.

²⁸ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 3, KSA 2, p. 26.

²⁹ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, KSA 2, § 3, p. 26.

³⁰ CLARK, M. (1999, p. 35) se refere a uma “teoria da coerência” em Nietzsche, em compatibilidade com o princípio de equivalência em uma perspectiva anti-fundacionalista (*anti-foundationalist*), portanto distanciado de um realismo metafísico e com uma putativa rejeição da teoria da correspondência.

³¹ WÖTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Barcarolla, 2013, p. 82.

³² NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 8, KSA 2, p. 29.

interpretativa particular e intuitivamente identificável, Nietzsche interpreta os próprios pressupostos de neutralidade e de objetividade³³, buscando evidenciá-las como resultado da necessidade humana de formatar o mundo de acordo com suas formas pragmáticas de avaliação, “pois vemos todas as coisas por intermédio cabeça humana e não podemos cortar essa cabeça”³⁴. Se inicialmente para ele este consiste no fator que tornou “valiosas, pavorosas, prazerosas as suposições metafísicas” – os piores métodos cognitivos³⁵ – ele busca superá-las por meio da sua compreensão pautada em pressupostos científicos, entendidos por ele como modelos representacionais outros³⁶.

É a assimilação do naturalismo e da matriz biológica de interpretação, que leva Nietzsche a se afastar da perspectividade da filosofia crítica e de sua diferenciação entre coisa em si e fenômeno, que também compromete para Nietzsche a validade científica da filosofia de Schopenhauer³⁷. Decisivamente no que se refere à naturalização biológica do aparato cognitivo humano e de sua estrutura representacional, esta, segundo ele, pode ser observada de forma privilegiada na estruturação sintática das línguas ocidentais, decisivamente fundadas nas concepções de sujeito das ações causais e temporalmente compreensíveis, nos pressupostos de qualidades substantivas e de seus atributos. Neste caso, a filologia novamente lhe serve de auxílio, enquanto instrumento de compreensão de que na linguagem as funções simbólico-representativas são também valorativas, pois na linguagem “o homem estabeleceu um mundo próprio, ao lado do outro, um lugar onde ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor”³⁸. Mas a compreensão deste “erro monstruoso” não resulta em Nietzsche, como já mencionado, na inclinação a indicar a inexistência ou a impossibilidade do conhecimento, mas na necessidade de compreender os padrões linguísticos enquanto decorrentes de padrões intuitivos elementares³⁹, indicando-os como presentes nas formas de humanas de consideração da efetividade e, a partir disso, propor a superação deles enquanto meios seguros que investigação da efetividade. Isso, não no sentido de pretender negá-los ou suprimi-los – o que para ele nem mesmo é factível – mas do efetivo dimensionamento de seus fatores não racionais e da influência destes na

³³ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal* (JGB/BM), § 207, KSA 5, p. 135.

³⁴ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 9, KSA 2, p. 29.

³⁵ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 9, KSA 2, p. 29.

³⁶ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 21, KSA 2, p. 42.

³⁷ HELLER, P. 1978, p. 9.

³⁸ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 11, p. 31.

³⁹ Em um fragmento póstumo da primavera-verão de 1883 Nietzsche escreve: “As morais como linguagem *sígnica* (*Zeichensprache*) dos afetos. O afetos mesmo como linguagem *sígnica* das funções orgânicas” (NIETZSCHE, F. KSA 10, p. 261).

atividade intelectual humana, diferenciando seus pressupostos e padrões da pretensão de descrição da efetividade. É com esta finalidade que ele, pautado em uma perspectiva científica, pressupõe a superação da diferenciação entre mente e corpo⁴⁰ e conjectura o abandono das noções de interioridade e de exterioridade do mundo⁴¹ enquanto sinônimos da estagnante diferenciação metafísica entre essência e aparência. Isso, pautado por um forte sentido de justificação do conhecimento distanciado de interpretações pautadas em convicções intuitivas.

Argumentar, como já o fizera enfaticamente Schopenhauer, contra o pressuposto de uma independência do pensamento com respeito ao corpo⁴², busca indicar que demandas orgânicas podem ser vistas como base de padrões intuitivos do pensamento e da linguagem, o que Nietzsche denomina de convicções (*Überzeugungen*) e as associa à construção ilusória de uma noção de verdade absoluta⁴³, ou mesmo à fé sem existência efetiva demonstrável. Desse modo, a afirmação “o homem das convicções não é o do pensamento científico”⁴⁴, evidencia como a noção de convicção é usada como algo oposto ao conhecimento na filosofia de Nietzsche. É a compreensão da convicção enquanto fator natural insuperável das formas humanas de compreensão⁴⁵ que o faz negar que ela possa vir a ter alguma pretensão de verdade, ou mesmo de poder ser um pressuposto de investigação.

Neste sentido, atentar para a significação do aspecto contraintuitivo do conhecimento científico defendido por Nietzsche evidencia um aspecto central à compreensão da noção de conhecimento concebida por ele. Na sua filosofia, a referencialidade que deve justificar o conhecimento não é pensada enquanto conformidade de uma interpretação com padrões ou dados elementares de percepções intuitivas, mas do demonstrar aspectos constitutivos da efetividade, que de forma alguma devem estar subordinados, seja a um sujeito interpretante, seja a seus padrões lógicos mais elementares, tais como a identidade, causalidades diretas e dicotomias absolutas. Para ele, o conhecimento não é e não pode ser limitado à capacidade representativa de um sujeito racional, do mesmo modo que os limites representacionais deste não podem ser tomados como limites cognoscitivos⁴⁶, pois estes são vistos primeiramente como resultados de um processo

⁴⁰ STIEGLER, B. 2001, p. 17.

⁴¹ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 15, KSA 2, p. 35.

⁴² SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a vontade na natureza*. Porto Alegre: L&PM, 2013 p. 100.

⁴³ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 630, KSA 2, p. 356.

⁴⁴ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 630, KSA 2, p. 356.

⁴⁵ NIETZSCHE, F. JG/BM § 231, KSA6, p. 170.

⁴⁶ MARQUES, António. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003, p. 109.

biológico-volitivo de superação da inquietação causada pelo que nos é estranho, inabitual, duvidoso, pelo instinto do medo⁴⁷. É a partir destes pressupostos que concepções metafísicas podem ser criticadas em suas pretensões de verdade e modelos não intuitivos de interpretação podem ser priorizados, pois são denunciadas, em confrontação com as demonstrações científicas, como pautadas em pressupostos não efetivos e decorrentes de padrões mentais reducionistas.

Mas se Nietzsche chega a estas posições a partir do positivismo científico com base referencial, pois “a verdadeira ciência”, consiste na “imitação da natureza em conceitos”⁴⁸, por outro lado ele também busca apartar-se da pretensão de que em algum momento um conhecimento último possa ser alcançado⁴⁹. A sua ideia de conhecimento está muito mais associada a capacidades experimentais do pensamento, o que pressupõe uma confrontação histórica com o idealismo, com a metafísica, mas também com o reducionismo materialista, em favor de uma atitude interpretativa e não constitutiva⁵⁰.

A grande segurança das ciências naturais, em relação à psicologia e à crítica dos elementos da consciência – ciências *não naturais*, poderíamos poder dizer –, reside justamente no fato de tomarem o estranho por objeto: enquanto é quase contraditório e absurdo querer tomar por objeto o não estranho⁵¹.

Por fim, a recepção crítica do naturalismo científico em Nietzsche possui decisivo fator operativo no contexto de sua crítica da metafísica e de ampliação das possibilidades interpretativas de um real que se revela cada vez mais complexo.

2. A superação da dicotomia mente x corpo e suas implicações cognitivas

Em uma passagem do aforismo 117 de *Aurora*, intitulado “Na prisão”, Nietzsche afirma: “Os hábitos dos nossos sentidos nos envolvem na mentira e na trapaça das percepções (*Empfindungen*): estas, novamente, são os alicerces de todos os nossos juízos e ‘conhecimentos’ (*Erkenntnisse*)” – Não há de forma alguma uma fuga, caminhos escorregadios ou secretos para o mundo *efetivo*”⁵². O uso da noção de conhecimento entre aspas, está relacionado ao fato de que Nietzsche também não faz uso dela com pretensão de significado substantivo, mas como algo existente, contudo, enquanto representação resultante e imiscuída de processos interpretativos dependentes de nossa constituição orgânica pensada como base do processo psíquico de representação de

⁴⁷ NIETZSCHE, F. FW/GC § 355, KSA 3, p. 594.

⁴⁸ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 38, KSA 2, p. 61.

⁴⁹ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 256, KSA 2, p. 212.

⁵⁰ MARQUES, A. 2003, p. 111.

⁵¹ NIETZSCHE, F. FW/GC § 355, KSA 3, p. 594.

⁵² NIETZSCHE, F. *Aurora* (M/A) § 117, KSA 3, p. 110.

interpretações⁵³. Para ele, isso implica uma ligação indissolúvel entre corpo e pensamento e, portanto, a necessidade de problematizar uma morfologia das estruturas intuitivas de pensamento, o que pressupõe a conformação do intelecto às necessidades orgânicas, cuja finalidade seria a deflação substancial tanto da efetividade quanto do conhecimento.

Em uma perspectiva evolucionista⁵⁴ e contrária ao racionalismo idealista, Nietzsche, ciente das pesquisas científicas de seu tempo neste domínio⁵⁵, assimila a posição schopenhaueriana e une, em uma relação de subordinação, o intelecto ao corpo. Enquanto Schopenhauer pensava o intelecto como instrumento do corpo e este como manifestação da vontade enquanto princípio primordial⁵⁶, Nietzsche interpreta este pressuposto como reducionista e postula uma estruturação do pensamento a partir de necessidades orgânicas basilares, verticalmente conflitantes entre si e responsáveis intelectivamente pela fixação de pressupostos redutores, tais como identidades, regularidades constantes e relações causais diretas. Estes pressupostos, compreendidos por ele como intransponíveis e como elementos constitutivos da forma humana de compreensão, de nossa estética humanização do mundo⁵⁷, expressariam, por sua vez, necessidades orgânicas de estabilidade em um mundo dinâmico, mas sem possuírem aspecto algum que as possa tornar “verdadeiras”. Muito pelo contrário, eles são erros (*Irrthümer*) produzidos pelo intelecto tendo em vista a manutenção da espécie, e que só podem ser tomados como verdadeiros enquanto “proposições de fé”⁵⁸.

Isso o afasta da hipótese racionalista de interpretar o intelecto como uma faculdade direcionada ao conhecimento e a interpretar as conclusões racionais (*Vernunftschluss*) como

⁵³ Tornando, por exemplo, o conhecido (*bekannt*) como reconhecido (*erkannt*). Cf. NIETZSCHE, F. FW/GC § 355, p. 594.

⁵⁴ O contato de Nietzsche com a concepção evolucionista pode ser indicado a partir de seu interesse pelas obras de Friedrich Albert Lange (STACK, George. *Lange and Nietzsche*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1983, p. 156), Caspari, Carl von Nägeli, mas ela é diretamente mencionada na carta enviada a Paul Gersdorff, em 1868, na qual o filósofo indica a sua crucial orientação conjunta com os empreendimentos científicos de Darwin (KGB 1/2, p. 257). Além disso, podem ser mencionadas a leitura de trabalhos de Edward von Hartmann rejeitando o naturalismo filosófico acerca do princípio orgânico da natureza, além dos escritos de Oscar Schmidt, zoologista, darwinista, além de Karl Semper, cujo volume de *Die natürlichen Existenzbedingungen der Thiere*, com várias marcações, está no acervo de Nietzsche hoje localizado em Weimar. John Richardson é um dos que defendem a posição de que apesar das críticas a Darwin, Nietzsche assimilou inúmeros aspectos de sua teoria (2004, p. 21). Gregory Moore afirma: “And yet there can be no question that Nietzsche adopts a broadly evolutionist perspective: he believes in the mutability of organic forms; he sees morality, art and consciousness not as uniquely human endowments with their origin in a transcendental realm, but as products of the evolutionary process itself” (MOORE, Gregory. *Nietzsche Biology and Metaphor*. Edinburg: Cambridge University Press, 2002. p. 21).

⁵⁵ Como as de Ernest Mach, Gustav Fechner e Friedrich Lange. Cf. GORI, Pietro. A caminho de uma filosofia sem alma. Uma abordagem sobre a crítica da subjetividade em Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, vol. 38, n.2, 2017, p. 16.

⁵⁶ SCHOPENHAUER, A. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. WWV I/MV I § 27, p. 215.

⁵⁷ BRUSOTTI, Marco. *Die Leidenschaft der Erkenntnis*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997, p. 424.

⁵⁸ NIETZSCHE, F. FW/GC § 110, KSA 3, p. 469.

atitudes instintivas⁵⁹. A consciência, “o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico”⁶⁰, seria a expressão dos mesmos impulsos que dominam o corpo, projetando suas necessidades vitais abstratamente em pressupostos estáveis, todavia inexistentes, porém úteis à vida, pois para Nietzsche, as ancestrais humanidade e animalidade ainda continuam inventando, amando, odiando e raciocinando no interior do homem⁶¹.

Apenas devido a um uso simplório de noções intuitivas e da essencialização dos seus pressupostos foi possível tanto o estabelecimento das noções de sujeito e de conhecimento⁶², como das dicotomias de verdadeiro - falso, certo - errado, essência - aparência⁶³ enquanto noções reais e, a partir disso, a essencialização do aparente mais intuitivo⁶⁴. Mas em Nietzsche estas dicotomias dizem muito mais sobre uma necessidade disciplinar da mente, sobre a “universalidade e obrigatoriedade de uma crença”, de um julgamento não caprichoso, de uma “lei da concordância”, do que de coisas efetivas, que não se deixam adequar aos pressupostos como verdade e falsidade, mas que são submetidas a eles apenas devido a sua utilidade. Nietzsche se refere à verdade substantiva enquanto algo posterior e resultante destas convicções, como resultante dos “erros fundamentais há muito incorporados”⁶⁵, pois, para ele a assimilação e a justificação valorativa de formas intuitivas de “verdadeiro” e “falso” deram-se prioritariamente tendo em vista a “condição de vida” que possibilitavam e não como “autênticas categorias do ser”⁶⁶.

Neste sentido, a sua revalorização do corpo deve ser considerada como uma alternativa à contraposição das pretensões morais camufladas de pretensões epistemológicas, que ele identifica no discurso metafísico, mas também na ciência. Ela é um dos componentes centrais de sua mobilização e rejeição por meio de uma perspectiva fisiopsicológica de uma ideia finalista ou incondicionada de verdade. É ela que o faz afirmar que mesmo a metafísica imanente de Schopenhauer manteve em muitos aspectos a mesma estrutura intuitiva da metafísica tradicional, como a interpretação unitária da vontade, o pressuposto do conhecimento a partir da relação sujeito - objeto, muito embora Schopenhauer para ele viesse a efetivar a vitória do conceito de veracidade

⁵⁹ NIETZSCHE, F. M/A § 358, KSA 3, p. 241.

⁶⁰ NIETZSCHE, F. FW/GC § 11, KSA 3, p. 382.

⁶¹ NIETZSCHE, F. FW/GC § 54, KSA 3, p. 417.

⁶² NIETZSCHE, F. M/A § 116, KSA 3, p. 109.

⁶³ NIETZSCHE, F. FW/GC § 54, KSA 3, p. 417.

⁶⁴ NIETZSCHE, F. FW/GC § 58, KSA 3, p. 422.

⁶⁵ NIETZSCHE, F. FW/GC § 110, KSA 3, p. 469.

⁶⁶ MARQUES, A. 2003, p. 134

sobre a moralidade cristã, decisivamente ao solapar os pressupostos teleológicos⁶⁷ e de liberdade. Ao conceber a razão como submetida à vontade e inseparavelmente ligada ao corpo⁶⁸, Schopenhauer mobiliza para Nietzsche indicadores importantes das fragilidades da concepção idealista do pressuposto da autonomia da consciência em sua pretensão gnosiológica, do mesmo modo que de pressupostos da própria epistemologia, tais como neutralidade e exatidão. É a reconsideração da relação entre mente e corpo feita por Schopenhauer que possibilita a Nietzsche, apesar das discordâncias, identificar um padrão de consideração responsável pela estagnação da teoria do conhecimento filosófica, por sua submissão à positividade científica⁶⁹ e pela manutenção de pressupostos como o do “conhecimento desinteressado”.

A naturalização da racionalidade possibilita Nietzsche inferir que “o homem objetivo é efetivamente um espelho: habituado, ante tudo que quer compreender, a se submeter sem um outro desejo que não o da existência do conhecimento como ‘afigurar’” (*Abspiegeln*)⁷⁰. Com isso, Nietzsche pretende rever a interpretação do homem como “medida segura das coisas”⁷¹ e, portanto, deflacionar as pretensões ontológicas oriundas de seus padrões mentais e representativos. É isso que o possibilita a falar de verdades não eternas e de conhecimentos perspectivísticos, assim como de criativos pluralismos interpretativos enquanto proposta metodológica de superar as convicções metafísicas e morais que estagnam investigações efetivas⁷².

3. A estrutura da perspectividade e as potencialidades da arte

Se as teorias da representação de Kant e de Schopenhauer são os pontos de partida para a formulação da teoria nietzscheana da perspectividade, é o naturalismo das ciências e a influência do proto-neokantiano Friedrich Albert Lange que levam Nietzsche a naturalizá-la e, por conseguinte, reconsiderar os seus limites a partir de novas bases – sobre bases fisiopsicológicas que, no que se refere às ciências, afere à psicologia naturalizada a via para problemas fundamentais⁷³. É ela que nos desvela “esse mundo simplificado, plenamente artificial, poetizado, falsificado”⁷⁴ que a

⁶⁷ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 2, KSA 2, p. 25.

⁶⁸ SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR § 24, p. 182.

⁶⁹ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 204, KSA 5, p. 131.

⁷⁰ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 207, KSA 5, p. 135.

⁷¹ NIETZSCHE, F. MA I/HH I, § 2, KSA 2, p. 25.

⁷² Um tema referente a esta questão, mas que não pode ser tratado aqui, é o de que para Nietzsche não há na busca pelo conhecimento nenhuma conexão entre este e uma causalidade positiva. Na sua filosofia, a busca pelo conhecimento implica uma potencialidade trágica, de eventual necessidade de aceitação de que o conhecimento pode até mesmo ser destrutivo.

⁷³ GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo/RS: Editora UNISINUS, 2001, p. 29.

⁷⁴ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 24, KSA 5, p. 45.

racionalidade produz, mas que, todavia, existe independente dela. Existe não unicamente como o “real” fabricado intuitivamente pelo intelecto, mas como algo além, que apenas uma superação das formas dogmáticas de consideração⁷⁵ pode nos franquear a possibilidade de perscrutar. Este questionamento acerca da artificialidade do mundo percebido e concebido pela constituição humana é um aspecto central da noção de perspectividade intelectual defendida por Nietzsche, e que pressupõe que o intelecto cria um “real” a partir de percepções e impulsos, admitindo até mesmo o pensar como “apenas um comportamento deste impulso com outro”⁷⁶ e, assim, uma atividade não norteadada pela racionalidade, mas pela necessidade de falsificação⁷⁷. O “desejo intelectual da verdade” na contemporaneidade, entendido como estágio subsequente ao “impulso à verdade”, acaba, todavia, por revelar não a existência, mas a fragilidade deste “real”, a partir da constatação de sua indemonstrabilidade.

Sendo a perspectividade insuperável⁷⁸, pois os impulsos, de igual modo, não podem ser suprimidos, Nietzsche propõe experimentos perspectivistas a partir da indicação de uma “consciência de método” (*Gewissen der Methode*)⁷⁹ atinente à identificação da “moral do método” (*Moral der Methode*) de seu tempo, a qual, segundo ele, implica “levar ao limite extremo (até mesmo ao contrassenso [*Unsinn*], com a permissão de dizê-lo)” uma forma de causalidade⁸⁰, antes de se cogitar outros experimentos causais tendo em vistas a formulação de teses. Mas qual seria este limite? Eu gostaria de defender aqui a interpretação de que ele é a efetividade pensada de forma não determinista, porém como existente e como algo outro das formas com que nós a pensamos⁸¹. Nietzsche, por conseguinte, não é um cético com respeito ao conhecimento. Ele não busca negar a sua possibilidade, mas apartar desta noção interpretações intuitivas simplórias e essencialistas, confrontando-as à “descrição do espírito objetivo”⁸². Esta é a sua forma de combater as qualidades soníferas e entorpecedoras do ceticismo, redimensionando a relação interpretativa do intelecto com respeito ao existente por meio de um apelo a experimentos interpretativos pautados em

⁷⁵ MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 170.

⁷⁶ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 36, KSA 5, p. 54.

⁷⁷ Pois “a ‘razão’ é a causa originária (*Ursache*) de nossa falsificação dos dados sensíveis”. NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos* (GD/CI), “A razão na filosofia” § 2, KSA 6, p. 76.

⁷⁸ DELLINGER, Jakob. 2012, p. 141.

⁷⁹ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 36, KSA 5, p. 54.

⁸⁰ O que Leiter nomeia de “essencialismo causal” sem pretensão ontológica. Cf. LEITER, B. 2011, 104.

⁸¹ NIETZSCHE, F. MA II/HH II, “O andarilho e sua sombra” (AS), § 205, KSA 6, p. 642.

⁸² NIETZSCHE, F. JGB/BM § 208, p. 138.

critérios referenciáveis, todavia negando-lhes a possibilidade de virem a consistir em critérios definitivos⁸³.

Senso da verdade – Eu elogio todo ceticismo ao qual me é permitido responder: “tentemos isso!” Mas que eu não mais ouça falar de todas as coisas e questões, que não permitam o experimento. Este é o limite do “senso de verdade” (*Wahrheitssinnes*): pois ali a coragem perdeu seu direito⁸⁴.

É deste modo que a hipótese da *Wille zur Macht* pode ser formulada. Como uma teoria hipoteticamente proposta⁸⁵, a partir do pressuposto da intransponível estruturação causal de nossa forma de compreensão adequada ao mundo⁸⁶, de modo que nós a podemos nele confirmar, todavia, por intermédio de nossas formas limitadas de percepção, fundadas na paridade da atuação de nossos desejos e paixões com a efetividade entendida “como uma forma primitiva de mundo dos afetos, no qual tudo permanece ligado em uma poderosa unidade, que então se ramifica e configura (*ausgestaltet*)”⁸⁷. O limite causal dessa aproximação formata antecipadamente o experimento também causal utilizado, mas esta característica não significa a determinação final desse, pois é necessário previamente reconhecida, enquanto “mandamento (*geboden*) da consciência do método (*Gewissen der Methoden*)” e mediante o pressuposto de “não tomar outras formas de causalidade até que a tentativa se baste com uma; até que ela seja levada a sua mais ampla fronteira (*Grenze*)”⁸⁸ e cuja refutação precisa ser feita adequada a estes padrões e não por convicções ou moralismos. A partir dela é possível formular uma hipótese, tal como a de que “o mundo visto do seu interior, indicado e determinado no seu “caráter inteligível”, seria propriamente vontade de poder e nada mais além”⁸⁹. Esta poderia ser indicada como a “vontade fundamental do espírito”, como “algo mandatário” (*befehlerische Etwas*), que quer internamente ser senhor e sentir-se senhor de seu entorno e tem a vontade de tornar a multiplicidade simplicidade para uma conectiva, vinculante, dependente de domínio (*herrschsüchtigen*) e efetiva vontade dominante, cujas

⁸³ “Velho: Então você quer ser o mestre da desconfiança com relação à verdade?”

Pirro: Da desconfiança tal como ela nunca existiu no mundo, da desconfiança de tudo e todos. É a única via para a verdade”. Nietzsche, F. MA II/HH II/AS § 213, p. 646.

⁸⁴ NIETZSCHE, F. FW/GC § 51, KSA 3, p. 415/6.

⁸⁵ TONGEREN, Paul van. *A moral da crítica de Nietzsche à moral – Estudos sobre “Para além de bem e mal”*. Curitiba: Ed. Champagnat, 2012, p. 213.

⁸⁶ KAULBACH, F. 1990, p. 256.

⁸⁷ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 36, KSA 5, p. 54-55.

⁸⁸ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 36, KSA 5, p. 55.

⁸⁹ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 36, KSA 5, p. 55.

“necessidades e faculdades são as mesmas que os fisiólogos indicam para tudo que vive, cresce e se multiplica”⁹⁰.

Em Nietzsche, o perspectivismo busca também chamar a atenção para todos os impulsos e interesses que norteiam toda interpretação, seja sob o ponto de vista orgânico, seja sob o ponto de vista moral, pois para ele não existe moral sem perspectividade valorativa. Isto é proposto em favor de uma atitude que denota a percepção de que “nada que ocorre no mundo é divino, ou mesmo acontece segundo uma medida humana racional, misericordiosa ou justa”, que sabe “que o mundo que vivemos é não divino (*ungöttlich*), imoral, ‘inumano’ (*unmenschlich*)”⁹¹, assim como que “por um tempo demasiado longo nós refletimos falsa e mentirosamente – segundo nossos desejos e vontades de veneração – ou seja, segundo nossas necessidades”⁹². Essa compreensão deve levar a uma corajosa postura investigativa com respeito ao mundo, para além da coerência do pensamento humano tido por consciente⁹³.

Mesmo compreendendo que uma análise do intelecto humano revela que este “não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e apenas nelas”⁹⁴, o pressuposto da inteligibilidade imanente parece fornecer para Nietzsche um parâmetro para ultrapassar a tendência intuitiva da referencialidade positivista e, nesse sentido, fatores que a colocam em acordo crítico com a epistemologia de seu tempo⁹⁵. Neste ponto, a influência de Rugero Boscovich é importante para se compreender os pressupostos de sua concepção de perspectividade. É a partir da física matemática do croata que o filósofo alemão vê um ponto sólido para a crítica do atomismo materialista, por conseguinte, da crença na “substância”, na “matéria”, no átomo e no “atomismo da alma”⁹⁶, constituindo com isso “o maior triunfo sobre os sentidos que até então se obteve na terra”⁹⁷. A física matemática de Boscovich pode ser fortemente cogitada como presente enquanto pano de fundo de novas versões e refinamentos desta hipótese⁹⁸ e nas propostas de consideração de uma

⁹⁰ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 230, KSA 5, p. p. 167.

⁹¹ NIETZSCHE, F. FW/GC § 346, KSA 3, p. 580

⁹² NIETZSCHE, F. FW/GC § 346, KSA 3, p. 580.

⁹³ NIETZSCHE, F. FW/GC § 335, p. 563.

⁹⁴ NIETZSCHE, F. FW/GC § 374, p. 627. Ou ainda, segundo um “notwendiger” ou “Bewusstseinperspektivismus” (KSA 13, 14 [186], 373).

⁹⁵ MARQUES, A. 2003, p. 142.

⁹⁶ Pois o átomo, assim como a coisa em si, pode ser mesmo compreendido como resultado de uma “psicologia rudimentar”. NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos* (GD/CI), “Os quatro grandes erros” § 3, KSA 6, p. 91.

⁹⁷ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 12, KSA 5, p. 26.

⁹⁸ Como parecem significar as anotações do fragmento NF/FP 14 [122], KSA 13, p. 302: “Para a teoria do conhecimento: simplesmente empírica: Não existe nem ‘espírito’, nem razão, nem pensamento, nem consciência, alma, vontade, verdade: tudo ficções, que são inúteis. Isso não diz respeito a ‘sujeito e objeto’, porém, a uma determinada espécie animal, que sob uma conhecida certeza relativa, propaga antes de tudo a regularidade de suas percepções (da forma que ela capitalizar experiência)...”

“alma mortal”, como “pluralidade do sujeito” e “como estrutura social de impulsos e afetos”, que podem então requerer “direito de cidadania na ciência”⁹⁹, como “invenção” e, quem sabe, “descoberta” da psicologia. É, por conseguinte, a interpretação perspectivista também da física que leva Nietzsche a afirmar que mesmo ela não deve ser entendida como uma explicação, mas uma interpretação do mundo, noção aquela a ser superada, tão logo ela se afaste da limitação da física sensória.

É neste ponto que à ciência pode ser proposto atentar para as potencialidades interpretativas da arte, desta “necessidade de transformação em plenitude (*Vollkommenheit*)”¹⁰⁰. Não no sentido de se tornar ela mesma arte, mas de compreender as possibilidades dos experimentos perspectivísticos desta e de sua potencial independência com respeito ao dogmatismo¹⁰¹. Mesmo entendendo claramente não serem as perspectivas representacionais de ambas passíveis de unificação, Nietzsche propõe uma ciência experimental que, dentro dos seus parâmetros metodológicos¹⁰² – a arte também possui estilos e formalismos¹⁰³ – faça experimentos interpretativos como forma de representar dimensões da efetividade que se deixam evidenciar pelos parâmetros perspectivísticos, mas os compreendendo sempre como relativos¹⁰⁴.

Disso decorre um segundo desdobramento. O da fruição, gerada pelo experimento criativo, que deve funcionar como forma de superar a fixidez ascética da metafísica. Este experimento não pressupõe uma falsificação do mundo, mas uma alternativa para superar os sentimentos desestabilizadores da compreensão intuitiva deste causados pela ciência¹⁰⁵, afirmando o

O conhecimento trabalha como ferramenta do poder. Então lhe está à mão, crescer com cada aumento de poder. Sentido do conhecimento significa aqui, como em ‘bom’ ou ‘belo’, tomar o conceito rígida e precisamente como antropocêntrico (*anthropocentrisch*) e biológico. De modo que para que uma espécie determinada se mantenha – e cresça no seu poder – ela necessita conceber tanta previsibilidade e permanência em sua concepção de realidade, que com isso se possa construir um esquema de seu comportamento. A utilidade da experiência - não alguma necessidade abstrato-teórica (*abstrakttheoretisches Bedürfnis*) - de não ser enganado é o motivo por detrás do desenvolvimento dos órgãos do conhecimento (*Erkenntnisorgane*)... Eles se desenvolvem de tal forma, que a sua observação é suficiente para nós manter (*erhalten*). O conceito mecânico de movimento é precisamente uma tradução do procedimento em linguagem sígnica da original da linguagem ótica e tato (*Übersetzung des Original-Vorgangs in die Zeichensprache von Auge und Getast*). O conceito ‘átomo’, a diferenciação entre uma ‘permanência’ da força impulsiva e ela mesma uma linguagem sígnica do nosso mundo lógico-psíquico. Não está no nosso agrado, alterar os nossos meios de expressão. É possível entender em que sentido eles são simplesmente semiótica. A exigência de uma forma adequada de expressão é sem sentido (*unsinnig*). Está na essência de uma linguagem, de uma forma de expressão, expressar apenas uma relação. O conceito ‘verdade’ é um contra senso (*Widersinnig*). A totalidade do reino de ‘verdade’ e ‘falsidade’ refere-se a relações entre seres (*Wesen*), não entre ‘em si’... Contra senso: Não há nenhum ‘ser em si’, as relações constituem primeiramente seres, quanto menos existe ‘conhecimento em si’.

⁹⁹ NIETZSCHE, F. JGB/BM § 12, KSA 5, p. 27.

¹⁰⁰ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos* (GD/CI), “incursões de um extemporâneo” § 9, KSA 6, p. 117.

¹⁰¹ KAULBACH, F. 1990, p. 307.

¹⁰² Pois a contemporaneidade mostra a “vitória do método científico sobre a ciência”. NIETZSCHE, F. NF/FP, KSA 13, 15 [51], p. 442.

¹⁰³ NIETZSCHE, F. NF/FP, 11 [3], KSA 13, p. 9.

¹⁰⁴ NIETZSCHE, F. NF/FP, 2 [74], KSA 12, p. 154.

¹⁰⁵ NIETZSCHE, F. FW/GC § 107, KSA 3, p. 464.

experimentalismo interpretativo do pensamento, seu aspecto criador, como superior ao desejo de segurança motivadores de reducionismos. Neste sentido ele está de acordo com o pensamento da *Wille zur Macht*, que pressupõe a expansão e não a conservação¹⁰⁶ como impulso elementar do vivente¹⁰⁷. A criação e o desafio da exploração devem suplantar o medo do desconhecido e, portanto, a dissonância cognitiva antropogênica da “verdade”, em favor de uma atividade infinita e sem nenhuma garantia teleológica positiva¹⁰⁸. Se na primeira metade dos anos 70 é a experiência estética que deve salvar o homem do conhecimento do terror causado pela nova percepção da ausência de sentido do existente e do engano logocêntrico, nos últimos anos de produção intelectual ela se torna para Nietzsche até mesmo um instrumento de compreensão da própria ciência¹⁰⁹. É ela que, tendo superado as dicotomias “verdadeiro - falso”, “aparência - essência”¹¹⁰, deve explicitar o traço estético-criativo mesmo na assustadora aventura da busca pelo conhecimento. A arte, enquanto “maior estimulante da vida, embriaguez vital, vontade de viver”, pode desempenhar esta função, ao confrontar os limites perspectivísticos estabelecidos testando e buscando novas formas de compreensão e apresentação¹¹¹. Ao indicar as possibilidades interpretativas que o infinito experimento representacional que a arte evidencia, Nietzsche a compreende como contraposto à fixidez dogmática e isso é utilizado por ele como forma de afastamento e crítica da moral fundacionista e dicotômica. Esse traço direciona o seu filosofar para um experimentalismo perspectivista de pensamento sem centralismos e não doutrinal.

Mas penso que hoje pelo menos estamos distantes da risível imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele é permitido ter perspectivas. Mais que isso, o mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre em si infinitas interpretações. Mais uma vez acomete o grande calafrio – mas quem teria imediatamente desejo de divinizar novamente esse mundo monstruoso e desconhecido à maneira antiga? E então a adorar o desconhecido como “O desconhecido”? Ah, são tantas possibilidades não divinas (*ungöttliche*) de interpretação desse desconhecido, demasiada diabrura, estupidez, loucura de interpretação – mesmo a nossa própria, humana, demasiadamente humana, que nós conhecemos... (FW/GC § 374, p. 674)

¹⁰⁶ NIETZSCHE, F. M/A, § 106, 93.

¹⁰⁷ FREZZATTI, *Nietzsche contra Darwin*. Ijuí: Unijuí, 2001, p. 65.

¹⁰⁸ NIETZSCHE, F. NF/FP, 15 [8], KSA 13, p. 408/9.

¹⁰⁹ NIETZSCHE, F. NF/FP, 6 [11], KSA 12, p. 237.

¹¹⁰ RICHARDSON, John. *Nietzsche's new Darwinism*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 224.

¹¹¹ STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. São Paulo: Vozes, 2013, p. 231.

REFERÊNCIAS:

- BARROS, Roberto. 2018. "Perspectivismo e interpretação na filosofia nietzschiana". In: *Cadernos Nietzsche*, 39, vol 1, 2018, p. 54-92.
- BRUSOTTI, Marco. *Die Leidenschaft der Erkenntnis*. Berlin\New York: Walter de Gruyter, 1997.
- CLARK, Maudemarie. *Nietzsche Truth and Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- DELLINGER, Jakob. "Von der 'Kritik des Intellekts' zur Perspektivierung des ‚Perspektivismus‘ – berlegungen zum Problem des Perspektivischen in FW 373, 374 und 375". In: Heit; Thorgeisdorttir (org.). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2016, p. 46-61.
- DOYLE, Tsarina. *Nietzsche Epistemology and Methaphysics – The World in Wiew*. Edinburg: Edinburg University Press, 1009, p. 32.
- FREZZATTI Jr. Wilson Antonio. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: Unijuí, 2001.
- GIACOAIA, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo\RS: Editora UNISINUS, 2001.
- GORI, Pietro. "A caminho de uma filosofia sem alma. Uma abordagem sobre a crítica da subjetividade em Nietzsche". In: *Cadernos Nietzsche*, vol. 38, n.2, 2017, p. 13-35.
- HELLER, Peter. *Von den ersten und letzen Dingen*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1972.
- ITAPARICA, André L. "Crença e Conhecimento em Nietzsche". In: *Cadernos Nietzsche*, 37, n. 2, 2016, p. 204-17.
- KAULBACH, Friedrich. *Philosophie des Perspektivismus* 1, Teil. Wahrheit und Perspektive bei Kant, Hegel und Nietzsche. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1990.
- LEITER, Brian. "O naturalismo de Nietzsche reconsiderado". In: *Cadernos Nietzsche* 29, 2011, p. 77-126.
- MARQUES, António. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial:Ijuí: Editora Ijuí, 2003.
- MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MOORE, Gregory. *Nietzsche Biology and Metaphor*. Edinburg: Cambridge University Press, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe* (KGB) in 3 Bände. G. Colli e M. Montinari (Org). Munchen, de Gruyter/DTV, 1975.
- _____. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA) in 15 Bände. G. Colli e M. Montinari (Org). Munchen, de Gruyter/DTV, 1980.
- _____. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (WL/VM). Trad. Fernando de M. Barros. São Paulo: Hedra, 2007.
- RICHARDSON, John. *Nietzsche's new Darwinism*. New York: Oxford University Press, 2004.
- PEARSON, Keith Ansell. "Nietzsche's Brave New World of Force: On Nietzsche's 1873 "Time Atom Theory" Fragmentand the Matter of Boscovich's Influence on Nietzsche". In: *Journal of Nietzsche Studies*, n. 20, 2000, p. 5-33.
- STACK, George J. *Lange and Nietzsche*. Berlin – New York: Walter de Gruyter, 1983.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Zürich: Haffmans Verlag, 1999.

_____. *Sobre a vontade na natureza*. Tradução de Gabriel Valadão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. São Paulo: Vozes, 2013.

STIEGLER, Barbara. *Nietzsche et la Biologie*. Paris: PUF, 2001.

TONGEREN, Paul van. *A moral da crítica de Nietzsche à moral – Estudos sobre "Para além de bem e mal"*. Curitiba: Champagnat, 2012, p. 213.

WHITLOCK, Greg. *Roger Boscovich, Benedict Spinoza and Friedrich Nietzsche: The untold Story*. Berlin – New York: Walter de Gruyter. Nietzsche Studien 25, 1996. 200 – 219.

_____. "Investigation in Time Atomism and eternal recurrence". In: *Journal of Nietzsche Studies*, n. 20, 2000, p. 34-57.